

## PARAÍBA - RIO DE JANEIRO - 04:30H

*Por Flaw Mendes*

Num solavanco virei-me para enxergar os corpos pelo chão. Para minha surpresa... não vi nada fora do normal, esfreguei os olhos, no impulso de estar enganado. Realmente era um semi-sonho que tivera. E tudo estava absolutamente normal dentro daquele trem. A essa altura não tinha consciência do que estava a acontecer comigo. Sentia-me estranho. Conforto-me na cadeira e sigo minha viagem a olhar pela janela tudo, exatamente tudo, se indo. Passa mato, passa verde, passa árvore, passa estaca... Por ora vem o sol, e também este passa, volta e passa... E passa...

Vejo-me diferente, longínquo, realmente aquele ali, assim pequenino, assim magricela, tão deslocado era eu. Não reconhecia nada, só acompanhava tudo com os olhos, os moleques a brincar. Começo a recuperar minha consciência ao ouvir a voz da minha Tia Maria, sim aquela voz, tão doce, eu conhecia. Estava a me chamar: “Cá pra dentro!” Em um impulso só, pus-me de pé e sem perceber já estava sob suas mãos acariciando meus cabelos... Estas persistentes lembranças perseguem-me, justo na hora que mais preciso desprender-me de tudo o que vive, de tudo o que saboreei junto às árvores, do leite que bebi às tetas das vacas, dos gozos que de tudo tive naquele engenho que agora, penosamente, relembro tão distante de mim. O melhor seria prender-me àquele mundão de gente que me esperava, não sabia quem ou que tipo de pessoas estariam a me esperar no Rio de Janeiro, sei que boa parte da viagem gastaria a desvendar e descobrir nas minhas fantasias o que posso encontrar, coisas diferentes... Coisas, que coisas? Sempre ouvia um ou outro alguém falar das maravilhas, das facilidades de lá, dos estudos, de como era desenvolvido esse tal Rio de Janeiro, cá pensava eu, com desdém, que será que tem de melhor que o meu Paraíba? E um ânimo me tomou, repentinamente, já não sabia de onde vinha essa euforia, se era por causa das festas, de todo esse mundo que eu descobriria agora, não mais de ouvir falar, mas de vivenciar. Recosto minha cabeça no vidro da janela e meus pensamentos vão tão velozes, desfazendo-se, quanto a paisagem do meu engenho...

...árvores e mais árvores, meninos por todos os lados, negro, muitos negros livres, reconheço alguns fugidos da roça, por aquelas vielas longas e largas, as pessoas e suas roupas, tão diferentes... Sim, eu estava na tal cidade grande. O refúgio de muitos como eu, de outros menos que eu. Mas não via ninguém que se importasse comigo e a minha chegada. Estou a caminhar a passos longos e cada vez mais rápidos, em vão. Começo a ir, desesperado, de um lado para o outro, a esbarrar nas pessoas, nas coisas, em malas, e esse barulho que me impedia de ouvir meu pensamento, de repente encontro-me ouvindo apenas meus pulmões gritantes e ressonantes, dói-me a destituição de toda a minha notoriedade, de todo o meu valor, do meu status de filho brotado da terra, de filho de gente importante, e via isso em muitos ali, como

também via a conformidade de se viver assim, assim pelo dia que se tem, de viver assim em exclusiva exaustão de trabalho... Desolado ao chão surge um preá-da-índia enganchado a uma meia fina, e como em sonho, um rosto conhecido aproxima-se de mim, demoro a reconhecer o rosto, corado, da minha prima Lili, seu rosto vívido, mas já tinha uma fraca lembrança, tocame o ombro uma outra pessoa, essa lembrei-me bem, Maria Clara - minha paixão, tinha-me uma feição mais real, ao lembrar-me do preá no chão, perco das vistas as duas, no meio daquela multidão... cada vez maior, e mais pessoas, mais... Quando sufocado, apertado perco as forças. Maria Clara puxa-me pela mão, saio desviando das pessoas até chegar em um lugar quase vazio, onde sou surpreendido por um beijo, e beijo a Maria quando afastado é da Lili...

A primeira imagem que vejo, ao acordar, é de uma senhora com olhos - cuja grandeza passada condizia com o azul reluzente - assustados voltados para mim, dizia-me meigamente: "Foi só um sonho". As pessoas no ônibus, eufóricas, prontas para descer do ônibus seguiam, e eu peguei o que pude e desci, antes mesmo da senhora, companheira de viagem.

Naquele calor e barulho infernal sigo o meu caminho, dou por falta de uma coisa, quando percebo tocarem meu ombro, viro-me e novamente aqueles olhos seguidos de um sorriso terno, dizia-me:

- Acho que esqueceu isto, meu rapaz!

Via em sua mão, o companheiro mais íntimo que tive na viagem, um livro. Na capa, José Lins do Rego, *Menino de Engenho*.

Agradecido, apanho o livro e digo:

- Será apenas um sonho?